

EL LIBRO COMO UNA EXPRESIÓN DE LO COMPLEJO

Mônica Karina Santos Reis

monicabiblioufrn@gmail.com.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Recibido: 17 de agosto de 2016 **Aceptado:** 19 de octubre de 2016

Resumen

Este artículo presenta un breve histórico sobre el libro, caracterizándolo como expresión de un fenómeno híbrido, inacabado y compuesto de elementos que no pueden ser disociados. Con base en principios conductores de los sistemas complejos publicados en las obras *Mapa inacabado da Complexidade* (ALMEIDA, 2013) y *Ciência com Consciência* (MORIN, 2013) explica que son las ciencias de la complejidad, revela once principios que caracterizan que son los sistemas complejos y busca identificar en estos principios elementos que caractericen ese soporte informacional consagrado a lo largo de la historia del registro del conocimiento humano como aquello que es del orden del complejo.

Palabras clave: Historia del Libro. Complejidad. Biblioteconomía.

THE BOOKS AS A COMPLEX OF EXPRESSION

Abstract

This paper presents a brief history of books, characterizing them as expressions of hybrid and unfinished phenomenon, composed by inseparable elements. Based on the principles of complex systems published on *Mapa inacabado da Complexidade* (ALMEIDA, 2013) and *Ciência com Consciência* (MORIN, 2013), the study describes what are the complexity sciences through eleven principles woven to characterize and identify, on these principles, some elements that define books as a dedicated informational support, used throughout human knowledge's history and recorded as what may be labeled as of complex order.

Key words: History of Books. Complexity. Library.

O LIVRO COMO UMA EXPRESSÃO DO COMPLEXO

Resumo

Este artigo apresenta um breve histórico sobre o livro, caracterizando-o como expressão de um fenômeno híbrido, inacabado e composto de elementos que não podem ser dissociados. Com base nos princípios norteadores dos sistemas complexos publicados nas obras *Mapa inacabado da Complexidade* (ALMEIDA, 2013) e *Ciência com Consciência* (MORIN, 2013) explica o que são as ciências da complexidade, elenca onze princípios que caracterizam o que são os sistemas complexos e busca identificar nesses princípios alguns elementos que caracterizem esse suporte informacional consagrado ao longo da história do registro do conhecimento humano como aquilo que é da ordem do complexo.

Palavras chave: História do Livro. Complexidade. Biblioteconomia.

Introdução

O nascimento das ciências da complexidade é gestado em meio a sinais e sintomas de falência da ciência moderna, ao surgimento e consolidação de uma sociedade-mundo interconectada em rede, a uma série de avanços no berço da produção do conhecimento, do desafio de articular e fazer comunicar áreas específicas do conhecimento para buscar compreender fenômenos paradoxais e desafiadores, múltiplos, diversos e simultâneos.

Edgar Morin (2014) credita o uso do vocábulo complexidade pela primeira vez na concepção a qual reconhecemos hoje ao filósofo Gaston Bachelard, em *O novo espírito científico* e a Shannon e Warren Weaver, nas áreas da teoria da informação e da cibernética, as primeiras referências substantivas que, por fim, abrem espaço para os estudos sobre a complexidade.

A noção de complexidade tem em Edgar Morin o seu grande artesão e principal intelectual responsável pelos avanços em níveis de compreensão do pensamento complexo e da ideia de complexidade. Caminhando transversalmente entre os domínios da biologia, da física, da teoria da informação, da filosofia, das ciências da cognição, entre outros domínios, esse pensador onívoro tem-se posto a prefigurar as possibilidades de um conhecimento que religue as várias instâncias do saber humano.

Para Morin (2014) complexidade significa tecer junto, religar, rejuntar. É exercitar uma forma de se fazer ciência alicerçada na necessidade de distinguir e analisar, mas, sobretudo procurando estabelecer a comunicação entre aquele que distingue e o fenômeno a ser distinguido, compreendendo que o sujeito modifica e é modificado pelos acontecimentos dos quais ele trata.

É Conceber a possibilidade de diálogo entre ordem, desordem e organização para conhecer os fenômenos físicos, biológicos e humanos. Esforça-se por conceber a difícil problemática da organização como base a assertiva pascalina: “é impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, como é impossível conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes”. (MORIN, 2014).

Essas ciências denominadas complexas buscam metamorfosear o pensamento da simplificação em um pensamento capaz de enfrentar a complexidade do real, permitindo a ciência refletir sobre ela mesma. Busca estabelecer a relação entre as ciências naturais e

ciências humanas, separadas pelo fenômeno da fragmentação com o propósito de, sem reduzir umas as outras, antes ampliar os níveis de análise e compreensão da realidade.

Este novo estilo de prática científica requer o exercício da autocrítica de nosso modo de conhecer e abarcar os acontecimentos por nós apreendidos, uma vez que supõe e concebe práticas investigativas mais múltiplas e um novo estilo de intelectual múltiplo e híbrido, que enxergue para além do que está posto e não isole as propriedades complexas dos sistemas.

É nesse contexto de complexidade e religação que se insere o objetivo desse artigo. Uma vez inserida em um grupo de estudos que desde o ano de 1992 tem empreendido esforços para exercitar e dialogar pesquisas impulsionadas pelo pensamento complexo e sendo bibliotecária documentalista de formação, senti necessidade de compreender o que existe de aproximação entre a minha formação inicial e o meu instrumento principal de trabalho e esse novo jeito de pensar o conhecimento científico.

Como sabemos, o livro impresso é uma invenção que data do século XV e ainda hoje é considerada o suporte de conhecimento mais significativo para a nossa sociedade. O conhecimento nele eternizado pode ser considerado como indicador histórico da evolução social, das mudanças e permanências, construções e reconstruções sociais, culturais, documentárias e literárias. Como fonte de memória e transmissão de informação e conhecimento, esse suporte da escrita popularizou-se e adquiriu grande representatividade preservando a memória e difundindo a cultura.

O conhecimento eternizado nos livros pode ser considerado como indicador histórico da evolução social, das mudanças e permanências, construções e reconstruções, sociais, culturais, documentarias e literárias. Mesmo com o suporte da informática, livros históricos, literários, reflexivos ou críticos continuam a ser publicados, comercializados e lidos, bibliotecas continuam a existir, aperfeiçoando seus serviços, atualizando e diversificando seu acervo.

Diante desse cenário, ora antagônicos, ora sincrônicos, percebemos que o livro é uma espécie de perfeição insuperável na ordem do imaginário, trata-se de uma invenção como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, na essência de sua finalidade não podem ser aprimorados. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é (ECO; CARRIÈRE, 2009).

Considerado como um passaporte capaz de nos transportar da ignorância para o conhecimento de uma verdade. O conhecimento eternizado nos livros serve de informações para os leitores. Estes, ao se apropriarem do que leem, realizam comparações ou confrontações com seu conhecimento prévio e constroem, assim, o conhecimento pertinente.

Nesta perspectiva busco reconhecer e, sobretudo imputar nuances dos princípios atribuídos aos sistemas complexos e acredito estão presentes na essência do que conhecemos por livro.

Uma breve história

No interior da história da evolução do *sapiens-demens*, há uma narrativa sobre a necessidade de registro do conhecimento produzido, no interior da qual vão surgindo os suportes para imprimir tais registros. Dentre estes suportes, o livro é considerado certamente um ícone, uma vez que a construção do mundo pode, em grande parte, ser contada a partir das histórias nele contidas.

Para além dessa história do livro retratada nos clássicos da literatura, que constroem uma cronologia sobre a evolução dos suportes informacionais, do pergaminho ao Códex, compartilho aqui fragmentos de uma narrativa complexa desse suporte, uma meta-história. Ressaltando, portanto, elementos de complexidade existentes nesse aparato da ciência e da cultura que tem por missão preservar a memória humana pelas palavras escritas.

Ao retratar a evolução dos suportes informacionais no Ocidente, do papiro ao livro, faz-se necessário um recorte na história do processo de registro de informações exercitado pelo homem e as mudanças ocorridas nesse cenário ao longo dos séculos. Tais suportes, ao mesmo tempo em que registram a evolução do conhecimento humano, tecem também a sua própria história.

Autores como Wilson Martins (1998) e Luís Milanesi (2002) expõem a longa metamorfose que começa com o papiro, um dos primeiros materiais utilizados na antiguidade para tatuar pelas palavras e símbolos os pensamentos humanos. O papiro era uma planta cultivada às margens do rio Nilo. Extraía-se o miolo dos caules, em forma de fita, e após secar eram coladas umas sob as outras e escritas em um único lado.

O papiro é considerado o suporte responsável por levar a cultura do Egito a outros povos e oferecer ao homem a oportunidade de realizar a preservação da memória. “Sobre cada folha, o texto era escrito em colunas e cada uma delas se colava em seguida, pela extremidade

à folha seguinte, de forma que se obtinham fitas de papiro com, às vezes, dezoito metros de comprimento” (MARTINS, 2001, p. 62).

A escassez natural e a dificuldade no manuseio ocasionaram a sua substituição pelo pergaminho. Este, encontrado mais facilmente e retirado de animais, mais especificamente do couro de carneiro ou de cabrito, era exposto ao sol para secar e suas folhas eram dobradas ao meio, sobrepostas, costuradas e encapadas com materiais firmes, como a madeira, chamados de códex.

A substituição dos rolos de papiro pelo códex de pergaminho permitiu uma mudança significativa no manuseio dos documentos, uma vez que, para serem lidos, passariam a ser folheados e não mais desenrolados. O códex é considerado um grande avanço para a escrita, de forma que o pergaminho pode ser considerado o precursor do livro no formato tal como conhecemos hoje.

O pergaminho foi escrito, como o papiro, de um lado só, até que se descobriu ser perfeitamente possível fazê-lo nas duas faces. Enquanto a escrita era realizada apenas no reto, o pergaminho era enrolado, como o papiro, para construir o volumén. A escrita no reto e no verso vai dar nascimento ao códex, isto é ao antepassado imediato do livro (MARTINS, 2001, p. 68).

Ao mesmo tempo em que os suportes eram substituídos, modificava-se também a forma artesanal como os livros eram confeccionados. As técnicas utilizadas no seu revestimento e disposição, para escrita e leitura, buscavam propiciar uma manipulação funcional e mais agradável. Foi com o códex que o leitor conquistou a dupla liberdade no manuseio e na leitura. Pousado sobre uma mesa, o livro não exigia mais a total mobilização do corpo. O leitor poderia distanciar-se, ler e escrever ao mesmo tempo, indo, ao seu bel-prazer, de uma página a outra (CHARTIER, 1999).

Com a invenção da prensa de tipos móveis, pelo alemão Johannes Gutemberg em meados do século XV, e a ampla utilização do papel, tem início uma economia baseada no conhecimento registrável. Instaura-se um cenário que possibilita ao longo dos tempos uma maior acessibilidade e um vínculo mais permanente com essa tecnologia revolucionária que é o livro.

Como fonte de memória e transmissão de informação e conhecimento, esse suporte da escrita popularizou-se e adquiriu grande representatividade como elemento de preservação da memória e difusão da cultura. Para a nossa sociedade, o conhecimento eternizado nos livros

pode ser considerado como indicador histórico da evolução social, das mudanças e permanências, construções e reconstruções sociais, culturais, documentárias e literárias.

La característica esencial del hombre há sido y es la creación de instrumentos o herramientas que le han permitido y le permiten ampliar sus facultades naturales hasta convertido en la criatura más poderosa o, como se le ha venido llamado, em el rey de la creación; y el más fecundo invento del hombre, la herramienta más maravillosa por él creada, há sido el libro, entendido no em su sentido físico, sino como conjunto ordenado de mensajes, es decir, visto como contenido, no como continente o soporte (ESCOLAR, 1988, p. 17).

As características descritas por Escolar, ao considerar o livro como a invenção mais maravilhosa já criada pelo homem, se coadunam com os argumentos do bibliófilo Umberto Eco ao enfatizar que “o livro é uma invenção como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. [...] e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro”(ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 16-17).

Embora sua essência tenha sido preservada, o livro apresenta em sua evolução um processo marcado por uma série de metamorfoses. Em síntese, originariamente confeccionado em rolos de pergaminho, mais tarde adquiriu o formato dos códices, e destes para os impressos em papel, chegando agora a um novo formato, o eletrônico. “Pouco a pouco, o saber se objetivou: primeiro em rolos, pergaminhos, suportes de escrita. Depois, em livros de papel, suportes de imprensa. E hoje, concluindo, na internet, suporte de mensagens e de informação” (SERRES, 2013, p. 25).

A história do registro da informação e conhecimento humanos evidencia uma natureza de transformação e substituição. Isso, de certa forma, poderia nos levar a questionar se o mesmo ocorreria com o livro. Entretanto, as condições que levaram às substituições dos suportes anteriores, tais como a escassez de matéria-prima, um melhor acondicionamento, a facilidade de manuseio, hoje não subsistem.

Nada existe de consistente que assegure as especulações acerca do fim do livro. Ao contrário, ainda hoje ele se apresenta como um forte candidato à eternidade, e de forma alguma pode pertencer ao grupo dos suportes caracterizados como efêmeros. Ele é, e continuará a ser por um bom tempo, o meio mais durável para acondicionar saberes científicos, sentimentos, desejos, sonhos e fantasias oriundas do consciente e inconsciente.

Insuperável na ordem do imaginário, sua essência não mudou. Ele estará sempre esperando para ser aberto e folheado novamente.

O livro como expressão do complexo

Além dessa história oficial do livro, da narrativa cronológica de sua existência retratada nos clássicos, interpelamos: o que é realmente em sua essência esse objeto? Para dar vazão a tal questionamento, busco identificar algumas características caras ao pensamento complexo e que acreditamos estarem presentes no livro.

Como ponto de partida recorro a um princípio caro às ciências da complexidade que defende o argumento que natureza e cultura são dois fenômenos de natureza recursiva e, portanto, indissociáveis. A natureza influencia a cultura que por sua vez tem na natureza uma fonte primeira de inspiração.

Ao pensar o livro como um suporte complexo podemos afirmar que trata-se de um suporte informacional *híbrido*, conforme a expressão utilizada por Bruno Latour. Para ele, híbrido é tudo o que é ao mesmo tempo natureza e cultura: “uma forma que se conecta, ao mesmo tempo, à natureza das coisas e ao contexto social, sem, contudo, reduzir-se nem a uma coisa nem a outra” (LATOURE, 1994, p. 11).

Ao idealizar essa analogia podemos afirmar que todo livro é 100% natureza e 100% cultura. Nas páginas do livro, que um dia já foram árvores, são tatuadas as letras, as palavras, os símbolos, os artifícios da cultura impressa. Por meio dele, a cultura transporta os elementos da natureza e a natureza contém os elementos da cultura. Ele é histórico porque passa pelo tempo, e é atual por essa mesma característica. Uma vez impresso, dá eternidade ao que é pontual, local, de um tempo.

Dos argumentos expostos acima, podemos inferir que o livro é uma representação do que é complexo. Um sistema de registro de ideias composto de elementos que não podem ser dissociados, como por exemplo, a natureza e a cultura. Esse exercício de utilizar um elemento como metáfora para dar conta de explicar o que é o complexo pode ser visto na metáfora do cálice de vinho do porto descrita por Edgar Morin em *A cabeça bem feita: repensar a reforma: reformar o pensamento* (2011).

Morin descreve, por meio das palavras de Michel Cassé, as relações complexas existentes entre a natureza e a cultura. Segundo ele,

Michel Cassé, em um banquete no Castelo de Beychevelle, quando um enólogo lhe perguntou o que um astrônomo via em seu copo de vinho *Bordeaux*, respondeu assim: “Vejo o nascimento do Universo, pois vejo as partículas que se transformaram nele nos primeiros segundos. Vejo um Sol anterior ao nosso, pois nossos átomos de carbono foram gerados no seio deste grande astro que explodiu. Depois, esse carbono ligou-se a outros átomos nessa espécie de lixeira cósmica em que os detritos, ao se agregarem, vão formar a terra. Vejo a composição das macromoléculas que se uniram para dar nascimento à vida. Vejo as primeiras células vivas, o desenvolvimento do mundo vegetal, a domesticação da vinha nos países mediterrâneos. Vejo as bacanais e os festins. Vejo a seleção das castas, um cuidado milenar em torno dos vinhedos. Vejo, enfim, o desenvolvimento da técnica moderna que hoje permite controlar eletronicamente a temperatura de fermentação nas tinas. Vejo toda a história cósmica e humana nesse copo de vinho, e também, é claro, toda a história específica do bordelês” (MORIN, 2011, p. 36).

Talvez o mesmo exercício possa ser feito com o livro. Se em algum momento eu fosse questionada, como bibliotecária, sobre o que vejo ao abrir um livro, eu poderia recorrer ao texto de abertura do livro *Complexidade e cosmologias da tradição* (2001), e responder assim: nas páginas de um livro posso perceber que

Nenhum livro é apenas um livro. Todo livro aprisiona a fuga da alma, libera o inocente e fugaz desejo de deixar dito, o que é outra maneira de não morrer. Além das palavras que expressam ideias, todo livro condiciona silêncios, trai o autor, esconde ou deixa entrever intensas alegrias, insatisfações existenciais indizíveis, prazeres e dores. Toda escritura é uma tatuagem cognitiva, uma voz do espírito que se materializa. Todo livro permite um diálogo com quem ler, mas é antes de tudo um diálogo com outros livros e outras ideias que lhes antecederam e com as quais tem um débito enorme e um compromisso. Toda autoria é parcial e, se há alguma originalidade em qualquer pensamento, ela se deve a uma forma singular de reorganizar o material existente à sua volta. Dizer qualquer coisa é deixar de dizer outras tantas. Todo livro é lacunar, inacabado, incompleto. Mas é também uma promessa e um compromisso com as palavras ditas, com as ideias anunciadas e com o mundo do qual fala. Toda escritura é um veneno capaz de, a depender de sua dosagem, gerar vida ou prover morte (ALMEIDA, 2001, p. 07).

Ao tomar em minhas mãos um livro para catalogar, classificar, indexar, não posso simplesmente manuseá-lo como um objeto sem vida, sem história. Acredito que, como se fosse por ressonância mórfica, por meio de cada livro catalogado, fica em mim um pouco de

seu conteúdo, mesmo que não o tenha lido na íntegra. São novas palavras adicionadas ao meu vocabulário, uma imagem que marca e fica gravada na memória, um conhecimento novo adquirido.

Esse exercício de pensar o livro como uma expressão do complexo foi norteado pelo estudo dos princípios norteadores dos sistemas complexos. Procuro compreender tais princípios e verificar se posso encontrá-los no livro. Encontro em *Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento* (2012) elencados 11 princípios para circunstanciar a compreensão de complexidade e promover o exercício do pensamento complexo, elaborado por Ceiza Almeida com base nas obras *A Inteligência da Complexidade*, de Le Moigne e Morin (2000), *Educar na era planetária*, de Morin, Ciurana e Motta (2003), e fragmentos das ideias de Ilya Prigogine e Henri Atlan. Segue abaixo uma síntese desses princípios:

1. complexo comporta várias dimensões;
2. complicado é distinto do complexo; enquanto o primeiro para ser analisado pode ser decomposto em quantas partes forem necessárias de forma a atingir sua resolução, o complexo, por sua vez é tecido por elementos heterogêneos e inseparavelmente associados;
3. complexo comporta incertezas de natureza física ou teóricas, ou em determinados casos as duas dimensões simultaneamente;
4. complexo é marcado pela imprevisibilidade, não sendo possível prever a tendência de um fenômeno complexo;
5. complexo é não determinístico, não linear, instável. Os fenômenos complexos não são regidos e não obedecem às leis universais imutáveis, sendo assim, não é possível lhe inferir uma rotina ou projeção determinista;
6. complexo é um sistema auto-eco-organizado que opera por um sistema aberto que troca informações com o seu meio resignificando-as e reintegrando-as ao seu núcleo organizador;
7. complexo é sempre marcado pela evolução, transformação, mutação e pelo inacabamento;
8. complexo é caracterizado pela dualidade entre autonomia e dependência. Depende do contexto, do entorno, mas se organiza a partir de si;
9. complexo comporta, supõe ou expressa emergências. Compreenda-se por emergência aquilo que é da ordem do acontecimento novo e não previsível e que tem origem a partir de uma combinação original de elementos ou padrões já existentes;

10. complexo produz bifurcações, provoca flutuações e vive da instabilidade, portanto tende a instalar-se longe do equilíbrio;
11. complexo vive da tensão bilateral entre determinismo e liberdade. Mesmo comportando a incerteza, imprevisibilidade e instabilidade tão características de um sistema livre, não escapam aos determinismos da natureza.

De posse de tais princípios, podemos identificar que o livro contém algumas dessas características e, portanto, pode ser considerado como uma expressão do complexo. Como instrumento da transdisciplinaridade, comporta várias dimensões e pode tratar de assuntos que pertencem simultaneamente a várias áreas do conhecimento.

Tomando como referência a relação parte e todo, problematizada por Blaise Pascal, e trazida à tona por Edgar Morin, para quem o todo é mais que a soma das partes e cada parte contém os elementos do todo, podemos considerar que o livro é, ao mesmo tempo, todo e parte. “O todo tem qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes, se estas estiverem isoladas [...], e certas qualidades ou propriedades das partes podem ser inibidas pelas restrições provenientes do todo” (MORIN, 2013b, p. 35).

O conhecimento produzido e eternizado nos livros pode ser considerado uma parte representativa de uma época, uma sociedade, sua cultura, e deixar vazar nas suas linhas e entrelinhas a forma de se fazer ciência; as principais teorias relevantes de serem discutidas; o gênero literário, musical e artístico predominante da época; os indícios do declínio de teorias e paradigmas, assim como a emergência de novas teorias e novos paradigmas.

Por outro lado, é na internalização, por seus leitores, dos conhecimentos publicados que o livro deixa de ser parte e reconfigura-se em um todo de um conhecimento novo produzido a partir das conexões estabelecidas na inteligência e na memória dos indivíduos. Do contrário, do que adiantaria reproduzir nossos conhecimentos, nossa cultura e nossa arte em livros, se eles não fossem nunca lidos? Aqui podemos fazer referência a uma frase dita por Claude Levi-Strauss: de nada adianta empunhar o martelo, se for para bater ao lado do prego (ALMEIDA, 2010).

Dessa relação entre livro e leitor podemos compreender que o livro pode ser caracterizado como complexo, pela relação entre sua dependência e autonomia. Dependência do contexto histórico, da finalidade a que ele se presta, de quem o comercializa para que possa chegar às pessoas, e principalmente do leitor. Na antiguidade, os livros eram produzidos para

preservar a memória e apenas serem lidos por poucos. Autonomia, uma vez que cada livro é autônomo em si mesmo. Tem um conteúdo específico e singular.

Com a invenção da prensa por Gutemberg, o surgimento das universidades e das ciências modernas, os livros, agora produzidos em grande escala, passam a ser largamente produzidos para divulgação das descobertas científicas. Os literatos escrevem livros com a finalidade de contar suas histórias e extravasar suas emoções. Isso para dizer que o livro sempre esteve preso ao interesse de quem o produzia.

Por outro lado, uma vez escrito, tatuado e disseminado, ele cria autonomia, passa a existir independentemente de quem o criou e da finalidade inicialmente desejada. Essa autonomia o torna potencialmente passivo de ser reorganizado em patamares complexos, conforme o significado imputado a ele por quem o lê. Portanto trata-se de uma autonomia relativa, ou seja, configura-se propriamente, a dialógica entre autonomia e dependência.

Esse processo dialógico, de recursividade e retroalimentação, posto pelo pensamento complexo, pode ser análogo à relação existente entre os livros e seus leitores. Nessa relação, podemos identificar o autor/leitor que escreve e publica seus livros, para que os leitores, ao lê-los, possam internalizar e ressignificar as informações ali dispostas e produzir novos conhecimentos que, por sua vez, serão dispostos em novos livros como forma de informação para novos leitores.

Assim como tudo o que é da ordem do complexo, todo livro é lacunar, inacabado, incompleto. Seus conteúdos não representam de forma alguma axiomas que devem ser ortodoxamente aceitos e inquestionáveis. Ao contrário, tudo o que está publicado nos livros são conhecimentos parciais, de caráter provisório e atual das pesquisas e estudos que estão sendo realizados, devendo servir de referências e não de verdades incontestáveis.

O filósofo tcheco naturalizado brasileiro Vilém Flusser, em *A escrita, há futuro para a escrita?* (2010), descreve essa relação entre o que está escrito e quem lê. Para ele, o texto escrito só passa a existir quando lido, processado, ressignificado pelo leitor. Quando o livro ultrapassa seu ponto final ao encontro do leitor. “O motivo que está por trás do escrever não é apenas orientar pensamentos, mas também dirigir-se a um outro. Apenas quando uma obra escrita encontra o outro, o leitor, ela alcança sua intenção secreta” (FLUSSER, 2010, p. 21).

Podemos afirmar que o livro também expressa a incerteza. Isso porque trata-se de uma ferramenta que permite ao leitor usar da criatividade para fazer nascer novas ideias. Ou seja,

fora da determinação posta pelo autor no momento de sua escrita, cada palavra dita recruta o imaginário. Alguns livros fazem rir, outros fazem chorar. E, o mais curioso: as palavras que fazem chorar a uns, fazem rir a outros.

Por fim, o livro vive da tensão entre o que está posto, as palavras nele escritas, e o suposto, a escrita das entrelinhas. Entre o seu estado determinado de estar sempre em um suporte que possibilite fixar a escrita, e a possibilidade de ser potencializado no mundo noológico. Nas páginas de um livro podemos encontrar a incerteza de uma teoria científica; a instabilidade que nutre o berço de uma nova teoria científica; a imprevisibilidade, como, por exemplo, o final de um romance não apresentar o final feliz do nosso personagem preferido. As palavras de um livro escapam aos determinismos de estar fixado em um suporte. Elas esperam sempre por alguém que as retire das estantes, as transformem. São esses patamares de complexidade possibilitados pelo livro que o faz não obedecer às leis universais imutáveis da ciência e da sociedade.

Referências

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento**. Natal: EDUFRN, 2012.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade e cosmologias da Tradição**. Belém: EDUEPA; UFRN/PPGCS, 2001.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVII**. Tradução de Mary Del Priori. 2. ed. Brasília: Editora UNB, 1999.
- ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ESCOLAR, Hipólito. **Historia del libro**. 2. ed. Salamanca: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1988. (Biblioteca del libro).
- FLUSSER, Vilém. **A escrita: há futuro para a escrita?** São Paulo: Annablume, 2010.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 16. ed. rev. mod. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2014.

Referências

SERRES, Michel. **Polegarzinha**: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Autor:

SANTOS REIS, Mônica Karina

Bibliotecária Documentalista.

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Educação, Construção das Ciências e Práticas Educativas

Pesquisadora do Grupo de Estudos da Complexidade

monicabiblioufrn@gmail.com